

TRAJETÓRIAS COMPARTILHADAS: pesquisando, dialogando e aprendendo com a educação ambiental

Ana Maria Dantas Soares

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Samara dos Santos Pimentel

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Lilian Couto Cordeiro Estolano

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

TRAJETÓRIAS COMPARTILHADAS: pesquisando, dialogando e aprendendo com a educação ambiental

Resumo: Este estudo buscou considerar a trajetória do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS), num processo contínuo de formação de todos os atores envolvidos nas reflexões-ações promovidas desde 2003, no âmbito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A perspectiva de uma educação crítica e emancipatória é central para o GEPEADS, já que a preocupação com a relação ser humano-ambiente e com suas interfaces assume papel de destaque. O espaço escolar é, em qualquer nível, um lócus privilegiado para discutir as questões colocadas como desafios à vida cotidiana, e no âmbito dos processos formativos.

Palavras-chave: Educação ambiental crítica, processos formativos, estudo-pesquisa.

SHARED TRAJECTORIES: researching, dialoguing and learning with the environmental education

Abstract: This study sought to consider the trajectory of the Group of studies and research in environmental education, diversity and sustainability (GEPEADS), in a continuous process of training of all actors involved in reflections-actions promoted since 2003, in the framework of the Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). The prospect of a critical and emancipatory education is central to the GEPEADS, since the concern with the environment and human relationship with their interfaces takes leading role. The school space is, at any level, a privileged locus to discuss the questions posed as challenges to everyday life, and within the framework of the formation processes.

Keywords: critical environmental education-formation processes-research-study

Recebido em 04.01.2014 Aprovado em 06.01.2014

1 INTRODUÇÃO: refletindo sobre o que nos mobiliza

Pela própria concepção do mundo, pertencemos sempre a um determinado grupo, precisamente o de todos os elementos sociais que partilham de um mesmo modo de pensar e de agir. Porém, se nossa concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de forma bizarra [...]. Criticar a própria concepção do mundo, portanto, significa torná-la unitária e coerente e elevá-la [...]. O início da elaboração crítica é a consciência daquilo que somos realmente. Isto é, um “conhece-te a ti mesmo” como produto do processo histórico. (GRAMSCI, 1995, p. 12).

De acordo com as análises das Cartas do Cárcere, feitas por Nosella (1992), torna-se evidente que Gramsci tinha preocupação com as questões didático-pedagógicas, orientado por sua concepção de vida, de cultura, de filosofia e de história, segundo a qual o ser humano deve se educar científica e culturalmente até os níveis mais complexos, sofisticados e modernos, partindo de uma forte e vital ligação com sua base popular e com seu senso comum. Essa concepção educacional seria a da ótica do trabalho, o oposto de uma educação voltada para a formação de um técnico abstrato.

No âmbito da Universidade, muitas vezes, observa-se uma destacada preocupação com a formação técnica, sem a necessária articulação com as questões do cotidiano, sem a necessária percepção das concepções de mundo postas em jogo e sem a crítica aos processos produtivos e à automatização do próprio pensar humano, questões capazes de fomentar uma maior integração do futuro profissional à realidade que o cerca e aos desafios a ela inerentes e de lhe permitir um estar no mundo mais consciente, reflexivo e questionador. Nesse sentido, tentando subverter uma ordem quase hegemônica que considera a formação profissional distanciada das questões político-ideológicas em nome de uma melhor e mais eficiente formação técnica, procurou-se subsidiar as proposições e as ações do GEPEADS com análises críticas sobre as diferentes temáticas que envolvem a Educação Ambiental.

Para compreender e melhor subsidiar as discussões sobre as interfaces da Educação Ambiental, busca-se analisar as questões postas na contemporaneidade, sem descurar da necessária visão histórica que fundamenta e configura as problemáticas relacionadas à tríade educação-ambiente-sociedade.

Os conflitos e os desafios socioambientais,

no contexto atual, desacomodam a sociedade mundial. Tal situação não é nova, pois, já a partir da década de 1960 (CARVALHO, 2004), o movimento ecológico, nascido com outros movimentos contraculturais¹, alardeava para a sociedade os perigos da continuidade do modo de vida radicalmente capitalista e antropocêntrico. Desse modo, o movimento ecológico traz, em sua essência, a contestação à lógica capitalista e repudia a tecnocracia e a hiperindustrialização da sociedade, as quais desumanizam o ser humano e o condiciona à sua produção, ideando-o como recurso.

O pensamento capitalista se desenvolveu a partir da primeira revolução industrial, quando da separação brusca entre o ser humano e os outros componentes do meio ambiente natural. Carvalho (2004) aponta para algumas conceituações feitas, a partir dessa época, pelos seres humanos acerca da natureza. Segundo a autora, houve momentos em que a natureza foi vista como primitiva e como local de seres humanos primitivos, não civilizados. Essa natureza primitiva/selvagem deveria, segundo esse pensamento, ser domada pelos seres humanos e, a partir desse domínio, seriam retirados dela os recursos desejados para o crescimento social.

Houve também a interpretação da natureza como beleza e, a partir desse pensamento, ela era entendida como um recanto para descanso e diversão. A então recém-criada burguesia, que se beneficiava com o desgaste da natureza e se apropriava da força de trabalho do também recém-criado proletariado, construiu uma imagem idílica, e, para lá, recolhia-se quando se sentia constrangida pela poluição causada pela maquinaria que dava o tom a esse momento histórico.

Observa-se, portanto, que o conceito de natureza recurso e o conceito de natureza bela tratam-na como propriedade. Pelo lucro ou pela beleza, a natureza serviria à utilização pelos seres humanos; porém, desde essa época até os dias de hoje, ambos os conceitos ficam ao alcance de poucos, já que a maioria da população, também vista como recurso pelos capitalistas, somente convive, nesse processo, com as piores consequências advindas da utilização desregulada do meio ambiente natural.

Nos dias de hoje, percebe-se ainda, e com muita frequência, que os dois conceitos permeiam a sociedade por intermédio do discurso e das práticas capitalistas. Nesse sentido, segundo Marx (1986, p. 65), um dos pressupostos do capitalismo é

[...] a separação do trabalho livre das condições objetivas de sua efetivação – os meios e do material de trabalho. Isto significa, acima de tudo, que o trabalhador deve ser separado da terra enquanto seu laboratório natural.

O tratamento da natureza como propriedade alimenta, portanto, os padrões dominantes

da sociedade. Observa-se o comportamento predador do empresariado, que, com objetivos de enriquecimento, faz desaparecer grande parte do meio ambiente natural, em uma espantosa corrida pela ocupação e pela dominação dos espaços. Nesse aspecto, é possível ver as florestas caírem, os animais serem extintos e os seres humanos serem expropriados de seus territórios e, muitas vezes, de sua cultura e de seu modo de vida.

Percebem-se, por exemplo, grandes investimentos na construção de *resorts*, muitas vezes em áreas de preservação ambiental, que deixam de fora de seus muros as classes populares. Com frequência, podem-se enxergar, em função da altura dos muros, propriedades particulares de pessoas físicas que isolam do restante da população praias, lagos e partes de rios e se apropriam da natureza para que esta sirva para sua recreação e sua satisfação.

Aos pobres, resta sobreviver junto aos resíduos de uma sociedade plutocrática, em aglomerados urbanos, exercer longas jornadas de trabalho e ficar à margem da alta tecnologia, sem que percebam o quanto estão e são parte da natureza e como essa vinculação está intrinsecamente ligada ao seu fazer objetivo e cotidiano de trabalhadores.

O sujeito trabalhador é um indivíduo, um ser natural, da mesma forma a primeira condição objetiva de seu trabalho aparece como a natureza, a terra, como um corpo inorgânico. O próprio indivíduo não é apenas um corpo orgânico, mas ainda, esta natureza inorgânica como sujeito. Esta condição não é algo que ele tenha produzido, mas algo que encontrou ao seu alcance, algo existente na natureza e que ele pressupõe. (MARX, 1986, p. 81).

Deve-se lembrar de que, em que se pese a diferenciação no poder de decisão entre as parcelas de uma sociedade plutocrática como a que se apresenta, os caminhos percorridos até aqui foram construídos por meio de escolhas sociais. Trata-se de seres humanos, sujeitos da história, que, a partir de decisões coletivas, orientam a sociedade para um caminho e não para outro, mesmo que a decisão seja a omissão.

Por um lado, valendo-se desse reconhecimento, torna-se possível o investimento na procura de alternativas que tornem a sociedade mais justa e ambientalmente equilibrada; por outro lado, sem ele, e tomando a história como algo alheio às decisões humanas, essas pretensões se tornam impossíveis e inaceitáveis. Desse reconhecimento, nascem, por conseguinte, os movimentos individuais e coletivos de resistência à ordem dominante e de criação de caminhos que levem a sociedade num outro sentido que não o que toma aquele que possui mais capital como o decisor incontestado.

O movimento ecológico nasce para

contestar a relação antropocêntrica com o ambiente natural. A ecologia, nesse caso, não se encontra somente dentro das Ciências Naturais, mas se vincula também às Ciências Sociais, por se tratar de um movimento social contestatório e propositivo. Do movimento ecológico ou ambientalista, como também é chamado, nasce a Educação Ambiental (CARVALHO, 2004), visto que a área da educação tem a capacidade de auxiliar na transformação social, devido à sua intervenção na formação humana.

Como tem sua origem no movimento ecológico, a Educação Ambiental se apresenta, nos primeiros anos, estreitamente ligada à área de preservação e conservação ambiental, e, assim, por algum tempo, defendeu a não interferência humana nos ambientes naturais. Com o desenvolvimento de um corpo teórico para esse campo, foi-se, aos poucos, desconstruindo essa ideia e elaborando um pensamento que percebe a impossibilidade desse distanciamento, já que o meio ambiente é lócus de relações, interações e interdependências.

Dessa forma, o que se deve buscar é o equilíbrio das relações construídas entre os outros componentes do meio ambiente e os seres humanos. Como bem destaca Brandão (2002, p. 17):

Tal como os outros seres vivos com quem compartilhamos a mesma casa, o planeta Terra, fomos criados com as mesmas partículas ínfimas e com as mesmas combinações de matérias e energias que movem a Vida e os astros do universo. Algo do que há nas estrelas pulsa também em nós. Algo que, como o vento, sustenta o voo dos pássaros, em outra dimensão da existência impele o voo de nossas ideias, isto é, dos nossos afetos tornados os nossos pensamentos. Não somos intrusos no Mundo ou uma fração da Natureza rebelde a ela. Somos a própria, múltipla e infinita experiência do mundo natural realizada como uma forma especial da Vida: a vida humana.

As vias escolhidas para a manutenção das sociedades humanas trouxeram o planeta a uma crise sem precedentes e ao grave desequilíbrio percebido por meio de condições extremas – alterações no clima, fragilização da camada de ozônio, aglomeração humana em lugares específicos (causando má qualidade de vida), entre outros. Desse modo, coletivos se organizaram no sentido de analisar, refletir e propor alternativas possíveis na busca do equilíbrio desejado. Para Leff (2003), a crise ambiental é, sobretudo, um problema de conhecimento, em meio à complexidade do mundo e do próprio ser, o que implica a necessidade de desconstruir e reconstruir o pensamento e de buscar entender as origens, compreender as causas e desvendar as certezas embasadas em falsos fundamentos.

No Brasil, a partir de 1992, fomentaram-se as organizações, incentivadas pelos resultados obtidos a partir da Eco-92², muitas delas buscando construir alternativas à visão oficial e encaminhando propostas para a definição de políticas públicas capazes de colocar a questão ambiental e a Educação Ambiental como centralidade para os processos formativos em todos os níveis e em todas as modalidades da educação.

No final dos anos de 1990 e no início do terceiro milênio, muitos grupos se organizaram com objetivo de contribuir na construção de relações mais harmoniosas entre o ser humano e os outros componentes do meio ambiente, assim como propor iniciativas inovadoras para o meio ambiente socialmente construído. Aos poucos, foram constituídos espaços institucionais e sociais de discussão e ação que têm buscado solidificar um pensamento crítico sobre a questão ambiental e, em seu bojo, sobre a Educação Ambiental. Uma dessas iniciativas se deu no âmbito da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), e este texto pretende apresentar um pouco de sua história e de sua trajetória.

2 CAMINHOS CONSTRUÍDOS AO ANDAR

Na perspectiva de auxiliar na transformação da Universidade em espaço de formação ampla, em que, ao lado da profissionalização, também seja possível estabelecer esforços para a (re) construção de identidades capazes de assumir participação ativa em um projeto de sociedade que imprima esforços para se rejuntar à totalidade da natureza e a si mesma, no final dos anos de 1990 e início dos anos 2000, várias iniciativas foram desenvolvidas; dentre elas ressalta-se aquela que nos inspirou, anos depois, a criar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS).

Trata-se do Programa de Desenvolvimento Sustentável do município de Paracambi, no Estado do Rio de Janeiro, com base na Agroecologia, construído por um grupo de docentes da UFRRJ, em parceria com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA-Solos), com a Empresa de Pesquisa Agropecuária do Estado do Rio de Janeiro (PESAGRO-RIO) e com a Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente de Paracambi. Tal programa teve como eixo coordenador das ações a Educação Ambiental e a Extensão Rural e permitiu que estudantes recém-formados e estagiários, de diferentes cursos da Universidade, tivessem a oportunidade de desenvolver ações efetivas naquele município. O Programa foi apoiado pela PETROBRAS, que forneceu as bolsas de apoio técnico e os materiais necessários ao desenvolvimento das ações.

Antes mesmo de se iniciarem as atividades do Programa, houve a preocupação em criar

uma dinâmica de participação entre a equipe de técnicos responsável pela execução, principalmente para viabilizar o entendimento e a discussão da perspectiva interdisciplinar e dos conceitos em que as práticas se deveriam embasar, tais como sustentabilidade, agroecologia, participação e Educação Ambiental. A contribuição de diferentes autores, em especial do campo da educação, para subsidiar esse primeiro momento de constituição da equipe multidisciplinar, foi importantíssima, principalmente para a compreensão do real papel dos técnicos numa atividade dessa natureza. Nesse sentido, ficou muito clara a visão de que a assistência técnica, para ser verdadeira, só pode se realizar na práxis, na ação e reflexão, na compreensão crítica das implicações da própria técnica (FREIRE, 1982).

Nesse sentido, foi realizado, a todo o momento, que o grupo de técnicos e seus orientadores se capacitariam também, juntamente com as comunidades envolvidas nas ações. E, para tanto, além de uma imersão na realidade, possibilitando a percepção das condições existenciais, da visão cultural e das crenças das comunidades, tornava-se fundamental uma reflexão constante sobre procedimentos e técnicas utilizados. Destaca-se que essa capacitação inicial da equipe teve em mente que:

O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o 'como' de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1982, p. 89).

Foi uma constante a preocupação com a inserção da Universidade, por intermédio de seus profissionais, na elaboração e na condução de um programa que partiu de um diagnóstico rápido participativo (DRP) e que abarcava, desde estudos e análises na área de solos, com o mapeamento das potencialidades do município, o apoio técnico na área de produção vegetal e animal, a análise e as proposições do uso dos recursos hídricos do município, até a ação efetiva junto às comunidades rurais e o acompanhamento das políticas públicas por meio do Conselho de Desenvolvimento Rural. A ação, que envolveu pesquisa e extensão, conforme registrado por Soares e Oliveira (2010), foi movida pela possibilidade de desenvolver um movimento de *abertura ao outro*, configurando o que Santos (1996) coloca como o “[...] sentido profundo da democratização da universidade”.

Na perspectiva de viabilizar uma maior permeabilidade junto às comunidades,

foi construído e desenvolvido um projeto de capacitação de professores das primeiras séries do Ensino Fundamental, por se considerar o caráter multiplicador das atividades com eles desenvolvidas.

As discussões semanais realizadas com a equipe do projeto e as ações dinamizadas delinearão a criação de um grupo de estudos e pesquisas, institucionalizado, que buscasse aprofundar as leituras e as discussões, sistematizando-as, e que possibilitasse a busca de novas perspectivas de estudo e de ação a partir das necessárias interações com as práticas desenvolvidas.

A criação do grupo, inicialmente denominado Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável, permitiu aglutinar estudantes de diferentes cursos da Universidade, docentes, profissionais ligados à Educação Básica e egressos recém-formados, todos ávidos por aprofundamento na área e com o ideal de viabilizar uma ação mais efetiva da Universidade em seu entorno.

A partir das leituras e das discussões, foram inicialmente constituídos subgrupos que, por decisão coletiva, direcionaram suas ações para diferentes dimensões da Educação Ambiental, desenvolvendo estudos e pesquisas voltados para a relação com a educação formal e a não formal e para a análise das políticas públicas. Tais estudos originaram a elaboração de artigos apresentados e publicados em diversos eventos nacionais e deram a sustentação necessária à institucionalização do grupo, credenciado pela instituição junto ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Esse esforço coletivo encaminhou a proposição de um programa de extensão, submetido à Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (SESu/MEC), em atendimento ao Edital do Programa Nacional de Extensão (PROEXT), integrado a outros projetos docentes em andamento, que se denominou Redes Interdisciplinares em Espaços Populares (RIEP), inicialmente proposto para ser desenvolvido no município de Itaguaí, tendo em vista que, em função das políticas municipais, não houve espaço para sua implementação em Seropédica. O programa incluía três projetos voltados para a Formação de Professores, a Educação de Jovens e Adultos e a Educação Ambiental, este último presente nas ações/atividades dos outros dois, visto que já se entendia seu caráter transversal e articulador.

Foram realizadas reuniões com as lideranças comunitárias, definidos locais e estratégias para que se pudesse dar início às atividades, a partir do momento em que os recursos do Programa fossem liberados, uma vez que havia vários custos envolvidos: a produção de material didático e de divulgação, o deslocamento dos estagiários e da equipe coordenadora, o pagamento de serviços especializados, dentre outros. Entretanto, apesar de

o Programa ter sido aprovado no início de outubro, a primeira parte dos recursos só foi liberada em meados de dezembro, ocasião em que já haviam ocorrido as eleições municipais e o diálogo com os órgãos públicos ficou significativamente dificultado, tendo em vista que, no início de janeiro, uma nova administração iria ocupar o governo com um direcionamento partidário contrário ao grupo com o qual se dialogou inicialmente.

Decidiu-se, então, optar por uma mudança no território de atuação do Programa. Passou-se a desenvolvê-lo em Seropédica, município sede da UFRRJ, cuja nova administração se mostrou fortemente interessada numa parceria efetiva com a Universidade e propiciou uma maior aproximação com suas diferentes Secretarias, sobretudo a de Educação. Tentou-se também uma articulação com o Projeto de Agroecologia Urbana, desenvolvido no município do Rio de Janeiro, em especial nos bairros de Campo Grande e Santa Cruz, contando com a participação de membros do GEPEADS.

As ações desenvolvidas inspiraram a reedição da proposta em duas novas versões do PROEXT, voltadas para o atendimento aos municípios de Seropédica e Nova Iguaçu. Procurou-se centrar esforços na formação de professores, atuando em diferentes escolas da rede pública e tendo o Centro de Atenção Integral à Criança e ao Adolescente Paulo Dacorso Filho como centro de referência, em um trabalho constante junto a seu corpo docente e técnico-administrativo, o que permitiu que a construção do Projeto Político Pedagógico daquele estabelecimento tivesse como eixo central a questão ambiental.

Houve críticas constantes, por parte da Coordenação e dos docentes e estudantes envolvidos, com relação às dificuldades operacionais que se apresentaram para o bom andamento do Programa RIEP, as quais atingiram todos os projetos dele constitutivos. Constatou-se também a difícil relação que se dá entre a instituição Universidade e as instâncias do poder público, na maioria das vezes, mobilizada por injunções da política partidária e dos interesses dela decorrentes que requerem uma habilidade especial para preservar o caráter da proposta e os objetivos que se quer conquistar. No entanto, entende-se que a rede de relações que se estabeleceu, as novas construções teórico-metodológicas que o GEPEADS elaborou e, principalmente, a formação profissional e cidadã possibilitada aos estudantes envolvidos no Programa, em que a interface ensino, pesquisa e extensão, sob a ótica interdisciplinar, foi realmente efetivada, permitem avaliar positivamente os resultados alcançados.

A metodologia utilizada nos diferentes trabalhos de pesquisa e extensão tem se ancorado numa perspectiva qualitativa, notadamente na pesquisa participativa (BRANDÃO, 1982) e na pesquisa-ação (THIOLLENT, 2002) e tem permitido

um amadurecimento do grupo na direção de uma possibilidade concreta de intervir, de forma propositiva, para a construção de uma sociedade ambientalmente sustentável.

Outra iniciativa do GEPEADS, em 2004, foi a realização de pesquisa no âmbito da Universidade para analisar como se verificava a presença da Educação Ambiental na formação oferecida por diferentes cursos de graduação da UFRRJ, por meio de análise documental e de entrevistas com docentes e discentes de quatro cursos: Licenciatura em Educação Física, Licenciatura em Ciências Agrícolas, Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas e Engenharia Florestal.

Essa pesquisa chamou o grupo à realidade universitária do período. Constatou-se que os currículos eram fechados às discussões críticas das questões socioambientais e que as práticas das diversas áreas educacionais se encontravam isoladas umas das outras. As questões ambientais eram vistas, pela maioria dos entrevistados, como questões a serem tratadas dentro da área das Ciências Naturais, em disciplinas ligadas à preservação ou à conservação ambiental. Dessa forma, pode-se perceber que ainda havia, no interior das práticas de ensino universitárias, os resquícios das primeiras interpretações sobre Educação Ambiental, ou seja, daquela primeira visão que indicava a necessidade do isolamento do meio ambiente natural para sua proteção. Ainda pode ser observada a hiperdisciplinarização, que impede o desenvolvimento das novas tendências educacionais como a inter e a transdisciplinaridade. Observou-se também que:

[...] não havia ainda, por uma representativa parcela da comunidade acadêmica, o entendimento de que esse processo é o momento rico de autoconhecimento, reflexão, tomada de decisões e avaliação continuada de uma instituição educativa, que deve ser realizado coletiva e participativamente e, como tal não é, sob nenhuma forma, *neutro*, pois diz respeito a um contexto dado, com suas especificidades e complexidades. Tem a ver com concepções de mundo, de sociedade e de ser humano que poderão representar opções por trajetórias e, em última análise, vão direcionar a estruturação curricular. Se assim o é, antes de qualquer outra coisa, ele é um processo político que vai configurar o pedagógico e ser por ele alimentado, o que os faz integrados dinamicamente. (SOARES et al, 2008, p. 7).

Dessa forma, o caráter do grupo, como fomentador da crítica à realidade e da busca pelo desvelamento das condições dentro e fora da Universidade, colaborou com a elaboração de questionamentos acerca da própria formação dos

membros do grupo, os quais passaram, com base nos estudos realizados em encontros semanais, nas leituras e nas práticas, de observadores a críticos das condições de seu próprio curso formativo, capazes agora de apontar caminhos possíveis. Constatou-se que, na:

[...] dinâmica interna dos trabalhos a que estamos afetos, os mesmos têm evidenciado um forte apelo à interconexão da perspectiva teoria-prática, como sendo portadora do caminho que nos orienta para processos e resultados, que revelam discontinuidades, interdependências, assimetrias, contradições e, portanto, processos e resultados que nos vêm demandando novas conceituações e novas práticas socioeducativas (SOARES et al, 2006, p. 4).

Convém destacar que, após a realização da pesquisa, a Universidade passou por uma intensa discussão interna para a elaboração de seu Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI), em que a comunidade acadêmica foi mobilizada a definir seus princípios e suas metas para o período 2007-2012. Dentre os princípios expressos no documento institucional, destaca-se o que se refere à “[...] ênfase à questão socioambiental como eixo central da formação profissional e cidadã.”, a seguir expresso no documento sob a forma de objetivo: “[...] promover ações capazes de trazer ao cotidiano da vida acadêmica a discussão de estratégias e de atividades voltadas à questão socioambiental, no marco de uma formação profissional e cidadã”.

Na discussão dos projetos pedagógicos dos cursos de graduação, sobretudo os daqueles criados a partir de 2006 e, posteriormente, no processo de discussão e construção dos novos Estatuto e Regimento Geral, esperou-se que os direcionamentos dados pelo PDI servissem como referência e balizamento para a elaboração dos perfis formativos e para a consequente definição de programas e ações didático-pedagógicas e administrativas. Pode-se constatar que, nos dois documentos legais – Estatuto e Regimento –, manteve-se a ênfase na questão socioambiental.

O aprofundamento teórico e as discussões mobilizadas pelo GEPEADS apontaram para a necessidade de mudança na denominação do Grupo, uma vez que se refletiu sobre as diversas orientações dadas à expressão *desenvolvimento sustentável*. Com toda a gama de interpretações que a expressão suscita, dependendo da intenção do interpretador, e dado o caráter das atividades desenvolvidas, decidiu-se pela denominação atual de Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade, sem alterar a sigla original, no lugar de Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Ambiental e

Desenvolvimento Sustentável.

A mudança da denominação original não pode ser encarada como uma pequena alteração e sim como fruto de um maior aprofundamento e amadurecimento do Grupo, o qual passou a enxergar, com maior nitidez, as diferentes dimensões que envolviam o termo *desenvolvimento sustentável* com as apropriações políticas e mercadológicas nele implicadas e com as quais não se coadunavam os ideais, os referenciais, a história e a trajetória do GEPEADS até hoje. Embora o termo sustentabilidade seja também utilizado indiscriminadamente e com objetivos os mais distintos, ele pareceu mais adequado e menos *contaminado* pelos significados escusos, não obstante se constitua em um campo de disputa de conceito. Todo discurso é uma construção social e, como tal, deve ser analisado, considerado seu *contexto* histórico-social, suas condições de produção, o que significa ainda que o conceito reflete uma visão de mundo determinada, necessariamente, vinculada à de seus autores e à da sociedade em que vivem.

Cumprir destacar que, ao lado dos projetos de extensão desenvolvidos, sempre se procurou realizar um acompanhamento/uma análise e uma avaliação, por meio de projetos de pesquisa, que viabilizaram a conquista de bolsas de Iniciação Científica e inspiraram algumas dissertações de mestrado. O entendimento de que a Universidade deve se pautar no trinômio ensino-pesquisa-extensão é o fermento que permite ao Grupo se manter, ao longo de sua trajetória, fiel aos seus objetivos originais e avançar para a abertura de novas frentes de ação.

Uma preocupação constante também foi a da elaboração e da divulgação da produção acadêmica oriunda da reflexão-ação do Grupo, com a participação nos mais diferentes eventos regionais, nacionais e internacionais. Participar desses eventos apontou para a necessidade e para a possibilidade da realização de um evento similar que envolvesse a comunidade universitária e a comunidade do entorno escolar e extraescolar.

Com esse objetivo, planejou-se a Semana da Educação Ambiental (SEMEA) na UFRRJ, um evento bianual, cuja primeira edição ocorreu em 2006, que se consolida como um espaço-tempo de discussão e articulação de projetos em Educação Ambiental no Estado do Rio de Janeiro. A última edição da SEMEA reuniu mais de 200 participantes, de vários municípios do Rio de Janeiro e de outros Estados, e contou com a apresentação de painéis, oficinas, palestras e mesas-redondas.

Em 2007, o GEPEADS submeteu um projeto ao Ministério do Meio Ambiente (MMA), que, aprovado, permitiu a criação da Sala Verde - Centro de Integração Socioambiental (CISA), localizada no CAIC Paulo Dacorso Filho, local que passou a ser a base das atividades do GEPEADS e que atua fortemente na capacitação

de docentes e de estudantes das Licenciaturas e do Curso de Formação de Professores (Normal) do Colégio Estadual Presidente Dutra, localizado em Seropédica.

Desde 2008, o GEPEADS abriu espaço para que um grupo de docentes e estudantes sediados no Instituto Multidisciplinar, *campus* da UFRRJ, em Nova Iguaçu, se agregasse a ele, constituindo uma vertente do Grupo, com coordenação própria, que realiza inúmeros projetos, a maioria voltada para a realidade da Baixada Fluminense. Além disso, o Grupo tem uma ação decisiva na criação do Fórum Ambiental daquele Instituto, congregando docentes e estudantes de vários Departamentos e Cursos. Ademais, a adesão de docentes do *campus* de Três Rios também inseriu novos olhares às discussões, permitiu uma compreensão maior das realidades em que a Universidade se insere e, certamente, trouxe novas perspectivas de trabalho em interação com outros atores sociais. A formação dessa rede, por meio da criação de núcleos do GEPEADS nos diferentes *campi* fora da sede, possibilita novas articulações entre as realidades dos diferentes municípios, assim como oxigena as práticas e as reflexões do Grupo.

Em 2010, o GEPEADS teve seu projeto *Educação Ambiental na Formação de Formadores* aprovado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), o que permitiu fortalecer as atividades que já eram realizadas junto a estudantes do curso Normal e das Licenciaturas, além de voltar sua atenção para as turmas de Educação de Jovens e Adultos, num processo contínuo de reflexão-ação.

Atualmente, o Grupo que atua em Seropédica desenvolve as seguintes linhas de pesquisa: (a) Educação Ambiental na formação de formadores, que trabalha com formação de professores em nível médio e superior; (b) Educação Ambiental e Agroecologia, que questiona o método de produção tradicional e aponta novas alternativas; (c) Educação Ambiental na educação de jovens e adultos, que objetiva a inserção dessas questões na formação daqueles que não tiveram oportunidade de ingressar ou de terminar o nível básico de ensino no tempo regular; (d) políticas públicas para Educação Ambiental, que analisa e reflete os caminhos das políticas brasileiras acerca do tema; (e) segurança alimentar e Educação Ambiental, que discute as questões da produção para alimentação e do aproveitamento consciente dos alimentos; (f) Educação Ambiental na interface com a educação profissional e a educação prisional, que busca metodologias de trabalho para atender aos desafios desses dois campos educativos.

Por sua vez, o GEPEADS/IM, que atua no *campus* de Nova Iguaçu, desenvolve: (a) projetos em linhas de pesquisa voltadas para a educação formal e não formal, sobretudo para a formação de professores; (b) assessoria metodológica para a

construção participativa de políticas municipais de Educação Ambiental; (c) trabalhos na construção de indicadores de avaliação a partir do mapeamento de processos de formação continuada em Educação Ambiental; (d) diagnóstico, construção metodológica e execução de projetos pilotos em municípios atravessados e impactados por grandes linhas de transmissão elétrica. Vale destacar que, dada a dimensão desse núcleo, a liderança do GEPEADS (conforme registro junto ao CNPq) passou a ser por ele compartilhada, com autonomia para organizar e desenvolver suas ações de forma independente do Grupo que se reúne em Seropédica, mas mantendo a identidade com seus ideais constitutivos, sobretudo a sua vinculação a uma Educação Ambiental crítica e emancipatória.

O GEPEADS/ITR, que atua no *campus* de Três Rios, é o mais jovem e menor núcleo. Desenvolve a linha de pesquisa em Educação Ambiental e Sustentabilidade, que objetiva pesquisar e aprofundar estudos sobre as relações entre as questões ambientais e o processo de desenvolvimento, discutindo as diferentes interfaces e os movimentos hegemônicos e contra-hegemônicos que perpassam as visões e as propostas de desenvolvimento sustentável.

3 CONCLUSÃO: estradas abertas aos caminheiros

Nesses quase 10 anos de atividades ininterruptas, o GEPEADS se consolidou no espaço universitário como um grupo ativo e reflexivo, presente nos eventos acadêmicos por meio da participação de seus membros, os quais socializam as discussões, os resultados e as perspectivas de seus projetos.

Entende-se que grupos de pesquisa como o GEPEADS têm papel imprescindível na formação de discentes, docentes e técnicos, os quais, por intermédio da participação em suas discussões e em seus eventos, têm a oportunidade de desvelar os processos complexos, que levaram à construção da atual sociedade, de adquirir condições de questionar o modo de vida dominante e de propor-lhe alternativas.

O GEPEADS chega até a sociedade por meio de seus projetos de extensão que, sempre utilizando a metodologia participativa, alcançam-na com a articulação e a troca de saberes enriquecedoras e, ao mesmo tempo, desveladoras da própria sociedade em suas estruturas. O Grupo propõe uma leitura de mundo sincera, porém otimista, pois traz em si a utopia possível da transformação para o melhor relacionamento dentro das redes de relações que sustentam o mundo.

As perspectivas que animam o GEPEADS vêm da observação de sua consolidação e de sua continuidade. O Grupo atrai, cotidianamente, parcerias e novos membros, em uma formação dinâmica, visto que alguns de seus participantes

são discentes os quais, ao se formarem, afastam-se fisicamente do Grupo, mas mantêm-se a ele ligados, muitas vezes, pelas redes sociais.

A importância do GEPEADS na formação de seus participantes pode ser observada por meio das pesquisas de mestrado e doutorado que alguns de seus egressos realizam, assim como por meio de suas escolhas profissionais. Membros antigos e atuais do grupo se encontram costumeiramente nos eventos nacionais e internacionais acerca das questões socioambientais, o que respalda a opinião de que as escolhas teórico-metodológicas do GEPEADS auxiliam os sujeitos na construção do próprio conhecimento e das identidades frente aos desafios socioambientais.

O GEPEADS completará 10 anos em 2013 e a expectativa é que esse período de consolidação seja a base para futuros e frutíferos projetos que contribuam cada vez mais para ampliar as redes formativas e disseminar e fomentar reflexões e ações capazes de fortalecer um novo pensar socioambiental, uma nova relação ser humano-natureza. Como Carvalho (2004, p. 166), acredita-se que:

Essa relação dinâmica de mútua transformação entre humanos e natureza organiza-se como um círculo que nunca se fecha e que, diferentemente do círculo vicioso da repetição, se apresenta como virtuoso, no sentido de sempre estar aberto para novos desdobramentos desse encontro, produzindo continuamente ambientes de vida e de cultura.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, C. R. **Educação como cultura**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- _____. **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARVALHO, I. C. M. Educação, natureza e cultura: ou sobre o destino das latas. In: ZARZKZEWSKI, S.; BARCELOS, V. (Orgs). **Educação ambiental e compromisso social: pensamentos e ações**. Erechim: EDIFAPES, 2004. p. 163-174.
- FREIRE, P. **Extensão ou comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- LEFF, E. **A complexidade ambiental**. São Paulo: Cortez, 2003.
- MARX, K. **Formações econômicas pré-**

capitalistas. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
NOSELLA, P. **A escola de Gramsci**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1992.

SANTOS, B, de S. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1996.

SOARES, A. M. D. et al. Educação ambiental, formação profissional e sociedade: perspectivas que se interconectam na formação e consolidação do GEPEADS. In: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, III, Brasília. **Anais...** Brasília, Centro de Convenções Israel Pinheiro, 2006.

_____. et al. Cotidiano universitário: pensando a educação ambiental como possibilidade integradora nos projetos político-pedagógicos. In: ENCONTRO ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM AMBIENTE E SOCIEDADE, IV, Brasília. **Anais...** Brasília, Centro de Convenções Israel Pinheiro, 2008.

SOARES, A. M. D.; OLIVEIRA, L. M. T. Educação, formação profissional e perspectivas de desenvolvimento: os desafios para a construção de redes socioambientais. In: SOARES, A. M. D.; PAULA, L. L. (Orgs.). **Educação, pesquisa e extensão: confluências interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Quartet; EDUR, 2010. p. 17-41.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002.

NOTAS

- 1 Segundo Carvalho (2004), os movimentos contraculturais nasceram na década de 1960, nos Estados Unidos da América e na Europa, para contestar o modo de vida da sociedade capitalista e apontar caminhos inovadores e possibilidades de superação da hegemonia ideológica da época.
- 2 Grande evento mundial realizado pela parceria ONU/ UNESCO, no Rio de Janeiro, congregando estadistas e personalidades de todo o mundo. Dentre os documentos produzidos no evento, está a Agenda 21 Global.

Ana Maria Dantas Soares

Pedagoga
Doutora em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).
Professora da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
E-mail: adantas@ufrjr.br

Samara dos Santos Pimentel

Licenciada em Educação Física
Pedagoga
Mestre em Educação Agrícola pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Ambiental, Diversidade e Sustentabilidade (GEPEADS/UFRRJ)
E-mail: ssantospimentel@gmail.com

Lilian Couto Cordeiro Estolano

Licenciada em Ciências Agrícolas
Mestre em Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
Facilitadora da Sala Verde - Centro de Integração Socioambiental da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)
E-mail: liliancordeiro@yahoo.com.br

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ

BR 465, Km 7, Zona Rural
Seropédica
Rio de Janeiro- RJ
CEP: 23890-000